

CNI discute liderança feminina na Índia

Entidade leva 20 representantes do setor produtivo a Nova Déli

Da Redação

Para ampliar a inserção internacional do setor produtivo brasileiro e debater regras de comércio, investimentos e cooperação entre economias emergentes, a Confederação Nacional da Indústria (CNI) promove, de 8 a 12 de setembro, uma missão empresarial estratégica ao BRICS em Nova Déli, na Índia. A comitiva brasileira reúne 20 representantes de 10 setores da indústria nacional, engajados em uma ampla agenda de negócios, inovação e governança. A iniciativa é realizada em parceria com a Agência Brasileira de Promoção Internacional do Turismo (Embratur).

Além da participação no Fórum Empresarial do BRICS 2026, a CNI coordena a representação empresarial brasileira no Conselho Empresarial do BRICS (Cebrics) e na Aliança Empresarial de Mulheres do BRICS (WBA, na sigla em inglês) e de gru-

pos de engajamento oficiais que conectam o setor privado dos países-membros e contribuem para a construção da agenda econômica do bloco. A missão também conta com a IEL Experience, uma imersão voltada a executivos e líderes empresariais no ecossistema de negócios indiano.

As agendas na Índia ocorrem em um momento de reorganização das cadeias produtivas globais em que os países se mobilizam para fortalecer a integração econômica. Em agosto, autoridades governamentais e líderes do setor privado dos países se reuniram na India-Brazil High-Level Business Reception, na CNI, para tratar de desafios e de oportunidades relacionadas ao setor.

PROTAGONISMO FEMININO NAS RELAÇÕES GLOBAIS

Sob a coordenação da CNI no capítulo brasileiro, a WBA tem como principal objetivo aumentar a participação de



Encontro também debate cooperação, tecnologia e atuação de empresárias no comércio global

lideranças femininas em mercados globais e em ecossistemas de inovação. A aliança é formada pelos países membros do BRICS: Brasil, Rússia, Índia, China, África do Sul, Arábia Saudita, Egito, Emirados Árabes Unidos, Etiópia, Indonésia e Irã.

Na missão a Nova Déli, a delegação brasileira participará de encontros para ampliar as conexões com empresárias dos demais países do BRICS e fortalecer uma agenda internacional voltada à liderança feminina. A atuação do grupo se estende ao longo do ano com iniciativas como o Concurso de Startups e o BRICS WBA Summit, que criam oportunidades para conectar empreendedoras, pro-

jetos e mercados.

“Os países do BRICS são hoje o grande motor do crescimento global, e a participação ativa das mulheres é fundamental para acelerar e sustentar esse dinamismo. Vamos a Nova Déli abrir caminhos concretos para que os empreendimentos liderados por brasileiras acessem novos mercados, fechem parcerias internacionais e ampliem sua competitividade”, afirma a presidente do capítulo brasileiro da WBA, Mônica Monteiro.

A executiva será acompanhada por grandes lideranças femininas como a CEO do Serpa Group, Tania Reis; a CFO da Sistac, Viviane Saraiva; a vice-presidente de

Sustentabilidade e Reputação da Natura, Ana Costa; e a vice-presidente executiva de sustentabilidade da Syngenta, Grazielle Parenti.

Segundo a diretora de Governança Interna e Externa da CNI, Danusa Lima, essa mobilização reflete o compromisso estratégico de posicionar a indústria brasileira como protagonista nos principais vetores de crescimento global. “Ao integrarmos ativamente a liderança feminina a essa engrenagem de comércio e cooperação, não estamos somente promovendo a diversidade, mas fortalecendo a tomada de decisão e a capacidade competitiva de todo o nosso setor produtivo nacional”, reforça a diretora.

País ganha 3 mi de novos empreendedores formais

Da Redação

O empreendedorismo formal no Brasil cresceu cerca de sete vezes mais rápido que o informal nos últimos 10 anos. Nesse período, o número de empresas com CNPJ aumentou 41% com o número de negócios formais saltando de 7,45 milhões para 10,5 milhões. No mesmo período, o empreendedorismo informal registrou um crescimento substancialmente menor (6%), com o número de empresas passando de 18,6 milhões para 19,7 milhões.

É o que aponta a pesquisa “Empreendedorismo Informal Sob a Ótica da PNAD Contínua”, realizada pelo Sebrae. A pesquisa também revela que a atividade empreendedora tem sido uma opção cada vez mais pensada e es-

tável, em lugar de uma necessidade temporária. De acordo com o levantamento, no 4º trimestre de 2025, 76% dos empreendedores informais já estavam à frente do seu negócio há 2 anos ou mais.

Entre os formalizados, essa resiliência é ainda maior: 88% possuíam mais de dois anos de atividade. Apenas 3% dos informais e 0,5% dos formais eram iniciantes com menos de um mês de atuação, evidenciando que a grande maioria busca no empreendedorismo uma ocupação de longo prazo. Para o presidente do Sebrae, Rodrigo Soares, a pesquisa confirma a importância do aprimoramento do ambiente de negócios da economia brasileira.

“O Simples Nacional foi um marco no empreendedorismo no Brasil. A partir dele, e com



Formalização cresce sete vezes em uma década, segundo o Sebrae

os aprimoramentos que foram feitos ao longo dos últimos anos, abrir o próprio negócio tornou-se uma atividade mais atrativa e bem menos desafiadora. Com isso, cada vez mais empreendedores decidem

abrir sua empresa por oportunidade, e não por necessidade”, disse Rodrigo Soares, presidente do Sebrae.

O levantamento aponta que os donos de negócios informais são majoritariamente

te homens (67%) e pessoas negras (60%), enquanto no segmento formal há maior presença de pessoas brancas (60,5%). A busca do próprio negócio pelo caminho da informalidade também acompanha o envelhecimento da população: a faixa etária de 60 anos ou mais teve o maior avanço no setor informal, subindo de 12% para 16% em dez anos.

Além disso, mais da metade dos donos de negócios sem CNPJ (54%) é chefe de família, o que posiciona o empreendimento informal como a principal fonte de sustentabilidade do domicílio. Ainda segundo o estudo, a maioria dos informais (60%) trabalha sem um local fixo e um percentual ainda maior (80%) não faz qualquer contribuição para a Previdência Social.

FERNANDO FRAZÃO/AGÊNCIA BRASIL